

Fotos Divulgação/R2Press



sobre um Rio de Janeiro lírico que insiste em viver apesar de o Tempo tê-lo cancelado. As letras de Moacyr estão grávidas desse Rio



bobagens, fazia música e tomava um drink com os amigos. Eu saio do processo tendo a rara oportunidade de conviver com um gênio completamente generoso, um homem de afetos, um homem dedicado a família, completamente apaixonado pela Marluci, pelos sobrinhos e pelos amigos. Um Moacyr sacana piadista, que tá sempre soltando uma graça. Um Moacyr que faz uma música por dia. E é real, ele faz música quase todo dia, ele não consegue dormir se a inspiração bate. Além de tudo ele produz discos, escreve livro, é um assombro, ele não para. Aprendi muito com ele, sobre o processo de ser artista, sobre a porrada da vida, sobre o respeito que ele tem com a profissão e sobre

os afetos. E eu ganhei um amigo, que me emociona, que acreditou em mim. E que adora uma resenha.

E como o Moacyr lidava com as câmeras? Mantinha a naturalidade ou ficava mais reservado?

Moacyr é o Marlon Brando brasileiro. Poderia fazer qualquer filme, é um ator nato. Estava sempre pronto para as câmeras, cabeça voando, inventando novas piadas durante o momento e se entregando as emoções que os encontros do filme proporcionaram. Às vezes ficava cansado e perguntava se aquilo era uma “ceita” (risadas). Mas ele foi maravilhoso conosco o tempo inteiro, jogou muito junto.

No filme Moacyr fala abertamente de sua atual condição de saúde, reflexo de anos de boêmia, um assunto delicado. Como ele encarou isso?

É o que ele mesmo diz no filme. “A música é muito solitária, se você não beber não aguenta” mas eu conheci um Moacyr Luz que só sai de dia, que encontra os amigos de dia e, à noite, ele vai pra casa. Então nosso filme é muito solar assim como o carioca é. A condição de saúde do Moacyr tem a ver com um diagnóstico de Parkinson há vinte anos atrás, ele tem vinte anos de Parkinson e sobe no palco e toca e para de tremer, é impressionante, um gigante. Ele é um gigante! Esses dias ele tocou “Coração do Agreste” e fez

uma execução de excelência num solo que eu comecei a chorar, me emocionei, porque existem as variáveis da própria doença, tem dia que piora e tal. Então tem a boêmia claro que tem, ele quer morrer como uma cabra no Nordeste e aproveitar o que puder dessa vida, mas tem uma doença que é a grande vilã da sua condição de saúde. Eu tenho uma amiga médica que frequenta o Samba do Trabalhador e ela fala “ele tá ótimo” muito melhor que muito paciente meu mais novo e com Parkinson há menos tempo. Então deixa ele tomar o Aperol, fazer a música dele que é o que faz ele viver melhor.

Qual é o lugar de Moacyr Luz na história do samba contemporâneo, na sua visão?

Eu acho que Moacyr Luz trouxe tudo da tradição e toda sua monstruosidade em termos de composição e execução para o universo do samba. Ele tem como seu pai musical o Hélio Delmiro, então ele empresta esses arranjos, esses acordes ao samba e mistura com a juventude criando ali no Samba do Trabalhador um novo estilo, repleto de sambas autorais, das pandeiradas, das pessoas cantarem o arranjo que ele cria para voz. Moacyr traz toda sua maestria de composição, arranjo, melodia e entrega ao samba. Além disso compõe com os músicos jovens criando algo realmente novo. O samba do Trabalhador está aí e não nos deixa mentir, músicos talentosíssimos, lotando um samba toda segunda o Renascença Clube lá no Andaraí, com composições próprias que o público aprende ali e depois estoura. É maravilhoso, são as coisas que o Moacyr inventa. Ele inventou um Rio que ele queria viver e que bom que todos nós podemos desfrutar dele.

Como Moacyr reagiu ao ver o filme pronto? Ele se reconheceu no retrato que você fez dele?

Ele se reconheceu, mas demorou pra cair a ficha porque ele diz que se sente uma estátua andante, que não estaria vivo para ver um filme sobre si. Então cada vez que vemos o filme, bate algo novo, e nesse momento ele está muito feliz, está emocionado... e eu estou muito grata a ele por ter me deixado contar um pouco da sua história de uma maneira tão livre e tão ele, eu queria que as pessoas pudessem conhecer o Rio do Moa, esse jeito dele ver a vida, olhando o copo mais cheio. O filme é o Rio que ele inventou e o espectador tem a oportunidade de conhecer esse Rio e de sentar num bar e ser íntimo do Moa, algo muito além das belas canções do filme. Então dito tudo isso, acho que sim, acho que ele se vê bem claramente no filme.